

## Évora: proposta de percurso pedestre pelo Centro Histórico

Maria Domingas Simplício  
[domingas@uevora.pt](mailto:domingas@uevora.pt)

### Origem e breve evolução urbana

A fundação de Évora remonta a um período anterior à ocupação romana, adquirindo a cidade, nesta época uma importância regional assinalável; deste período áureo para o desenvolvimento da cidade resultaram alguns vestígios que ainda persistem, sendo um dos principais o Templo Romano, elemento marcante do centro social da cidade - a Acrópole.

Os domínios visigótico e árabe, que se sucederam à queda do Império Romano, terminaram em 1165, quando a cidade foi integrada na coroa de D. Afonso Henriques. Durante todo este longo período, de que poucos testemunhos ficaram, Évora manteve-se um centro económico e militar importante, mas a sua importância cultural decaiu bastante.

O primeiro monarca português converteu a cidade num centro estratégico e político importante, mas até ao séc. XIV a urbe confinou-se ao interior da cerca velha (de fundação romana), sendo a Mouraria e a Judiaria as primeiras comunidades que se instalaram nos arrabaldes e cujas especificidades da respetiva estrutura urbana ainda hoje são perceptíveis.

Mas, se a partir daqui o prestígio da cidade, em termos nacionais, continua a ser notório, o século XVI constitui o culminar dessa época de riqueza e importância política, económica, cultural e artística já que aqui se instalou a corte por longos períodos originando a construção do Paço Real, de palácios e casas solarengas, conventos, igrejas, colégios e outros edifícios notáveis. Nessa época, a estrutura urbana da cidade caracteriza-se pelo atenuar da separação entre os setores interiores e exteriores à Cerca Velha, constituindo-se, cada vez mais, a Praça Grande (hoje, do Giraldo) como principal núcleo de concentração da atividade urbana.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII diminuiu a construção de edifícios de carácter monumental, mas grande parte do casario popular antigo foi renovado e substituído por edifícios de maiores dimensões, o que se traduziu numa densificação da ocupação do espaço, podendo afirmar-se que a malha urbana anteriormente traçada, não só se manteve como a fisionomia de grandes áreas da cidade atual remonta àquela época (século XVIII).

No final do século XIX encontrava-se preenchida, quase na totalidade, a malha urbana da cidade intramuros pelo que o crescimento urbano obrigou à procura de terrenos situados fora das muralhas, enquanto ao longo do século XX algumas intervenções de renovação urbana surgem num contexto de progressiva atenção à especificidade e valor patrimonial de CHE que culminou com a sua classificação, em 1986, como Património Cultural da Humanidade.

De então para cá é permanente a preocupação com a preservação e valorização do CH, embora com limitações face aos meios disponíveis; diversos planos e programas têm vindo a ser desenvolvidos sendo o exemplo mais recente a aprovação, em julho de 2017, do projeto da Operação de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Évora.

### Estrutura urbana do Centro Histórico de Évora: um percurso para o (re)visitar

**1 - Rossio de S. Brás:** localizado na saída de uma das portas da cerca fernandina, integra um chafariz classificado como Imóvel de Interesse Público e a Ermida de São Brás, mandada construir por D. João II, para tratar doentes afetados pela peste, no espaço onde já existiria uma pequena gafaria provisória em madeira. É o local onde se realiza anualmente a Feira de São João e poderá vir a reunir as condições para se constituir como a principal “sala de receção” ao visitante de Évora.

**2 - Jardim Público:** Idealizado pelo arquiteto e cenógrafo italiano José Cinatti, foi construído entre 1863 e 1867 nos terrenos da cerca do Convento de S. Francisco, fundado no século XIII e destruído no século XIX. Aqui se encontram vários monumentos de interesse cultural, como os restos da Muralha Medieval (século XIV), o Palácio de D. Manuel (antiga Galeria das Damas do Paço Real, século XVI), as Ruínas Fingidas (século XIX) e o Coreto do século XIX.

**3 - Praça 1º de Maio:** Esta Praça ocupa, juntamente com o Jardim Público que lhe está muito próximo, terrenos da Cerca do Convento de S. Francisco.

É uma área de grande afluência de turistas, estudantes, professores e outros, tornando-a num espaço muito movimentado. Trata-se de um local de grande atração e desenvolvimento comercial com condições privilegiadas.

**4 - Judiaria:** Situada entre as ruas de Serpa Pinto e do Raimundo, era nos séculos XIV e XV uma das mais importantes do reino. A Sinagoga, atualmente desaparecida, localizava-se na Travessa do Barão e era o centro da comunidade judaica.

**5 - Praça do Giraldo:** Principal praça da cidade, polo de desenvolvimento urbano, rodeada de edifícios de 3 a 4 pisos com grande riqueza de elementos decorativos (grades, guarnições, frisos e frontões). A maior parte destes edifícios data dos séculos XVIII/XIX. A Igreja de Santo Antão, construída no século XVI, ocupa o topo NW da Praça. No extremo oposto existiam, no século XIX, os Paços do Concelho e a Cadeia da Comarca. No início do século XX, este espaço é ocupado pelo Banco de Portugal. Para além das arcadas, outro elemento emblemático da Praça é a fonte, edificada em 1570, no local onde existia um chafariz. A Praça era já no século XIX a principal da cidade, com grande quantidade de estabelecimentos comerciais. Atualmente a Praça mantém-se como espaço de circulação e estadia, constituindo um local emblemático da vivência da cidade.

**6 - Rua 5 de Outubro:** Antiga Rua da Selaria onde se concentravam os fabricantes e comerciantes de curtumes. Esta artéria é a principal ligação entre o espaço da Sé/Templo Romano e a Praça do Giraldo. É uma rua comercial importante, vocacionada para o turismo.

**7 - Largos Marquês de Marialva e Conde de Vila Flor:** correspondem à área onde a cidade teve origem, constituindo o centro social da cidade romana. Representa ainda hoje um centro de atração turística, onde se concentram a Sé, o Templo Romano, o Museu Municipal, a Biblioteca Pública, a Pousada dos Lóios e os espaços museológicos da Fundação Eugénio de Almeida. A “nobreza” desta área explica, parcialmente, a quase exclusão da função comercial, já que a tipologia dos edifícios e a necessidade de preservação patrimonial não favorecem essas atividades.

**8 - Freirias:** Esta denominação corresponde às áreas que Afonso Henriques distribuiu à Ordem Militar de São Bento de Calatrava (mais tarde Ordem de Aviz), como recompensa pelo auxílio prestado na conquista da cidade (1165). Os Freires tinham aqui as suas residências, a sua igreja e o seu hospital. Nestas ruas coexistem edifícios de traça popular e outros eruditos, como sejam o Palácio dos Condes de Basto (construído na época romana, transformado em convento da Ordem Militar de Calatrava no século XII, posteriormente ocupado pelos Condes de Basto e hoje sede da Fundação Eugénio de Almeida) e o Paço dos Condes de Portalegre.

**9 - Largo dos Colegiais:** Aqui estão presentes vestígios da muralha romana e dois importantes edifícios do século XVI, o antigo Colégio de Nossa Senhora da Purificação (atual Seminário) e o Colégio do Espírito Santo, respetivamente. Este Colégio, precursor da Universidade, foi fundado pelo Cardeal D. Henrique que confiou a docência à Companhia de Jesus. No século XIX o edifício foi ocupado pela Casa Pia e pelo Liceu de Évora. A partir de 1975 instalou-se de novo o ensino superior, primeiro com a designação de Instituto Universitário e posteriormente de Universidade de Évora.

**10 - Mouraria:** Corresponde aos sectores onde nos séculos XIII e XIV se instalou a comunidade “mourisca”. Apresenta como limites as ruas da Corredoura, da Mouraria e, das Alcaçarias. Nestas ruas localizavam-se os principais estabelecimentos comerciais e fabris. O bairro da Mouraria tem características próprias que se traduzem no tipo de malha urbana e na dimensão dos edifícios. Também a toponímia revela a origem dos primeiros ocupantes (Travessa do Mahomud, Largo do Amauriz, ou rua das Alcaçarias).

**11 - Porta de Aviz:** É a única porta da Cerca Nova que se mantém muito bem conservada, embora tenha sido tapada e reaberta no início do séc. XIX. O arco da porta integra uma capela de dimensões muito reduzidas dedicada ao culto de Nossa Senhora do O.

## Referências Bibliográficas

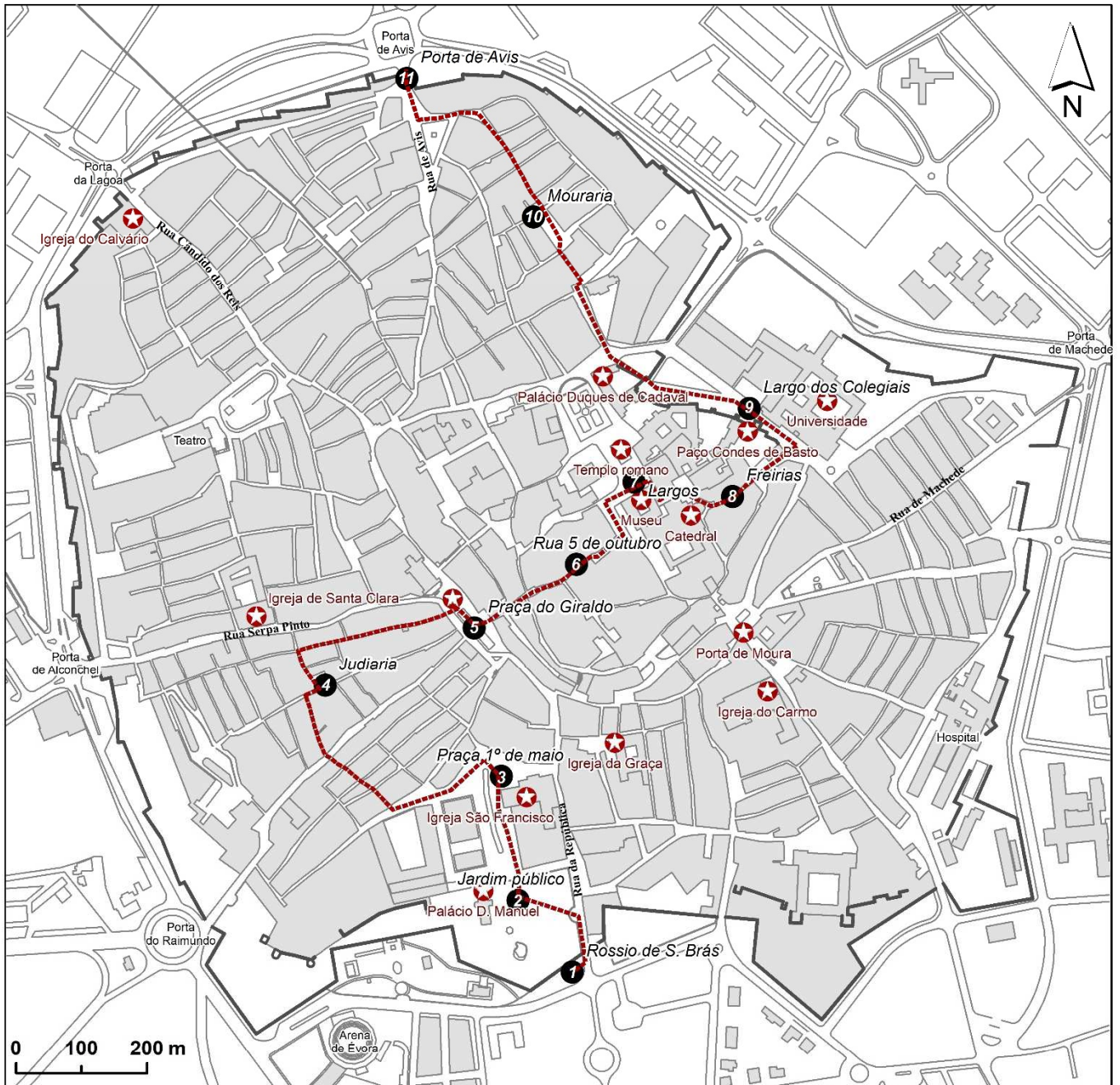
Câmara Municipal de Évora (1978/1979) - Plano Diretor de Évora, Relatório nº 28.

Simplício, M. D. (2013) A Cidade de Évora e a Relevância do Centro Histórico, in: J. A. R Fernandes et al (coord.) A Nova Vida dos Velhos Centros das Cidades Portuguesas e Brasileiras, pp. 211-226 (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CEGOT)

Simplício, M.D. (2009) Evolução da Estrutura Urbana de Évora: o século XX e a transição para o século XXI. *A Cidade de Évora*, 2009; II Série, Nº 7, pp. 321-60.

Simplício, M. D. (2002-2006) Évora: Algumas Etapas Fundamentais na Evolução da Cidade até ao Século XVI. *A Cidade de Évora*, 2002-2006; II Série, Nº 6, pp. 97-112.

## CENTRO HISTÓRICO DE ÉVORA



----- Percurso

● Pontos chave do percurso

★ Monumentos (principais)

- |   |  |
|---|--|
| 1. Rossio de S. Brás, <i>(início do percurso)</i> | 7. Largos Marquês de Marialva e Conde de Vila Flor |
| 2. Jardim Público e Palácio de D. Manuel          | 8. Freiras   |
| 3. Praça 1º de Maio e Igreja de S. Francisco      | 9. Largo dos Colegiais e Universidade              |
| 4. Judiaria                                       | 10. Mouraria                                       |
| 5. Praça do Giraldo                               | 11. Porta de Avis <i>(final do percurso)</i>       |
| 6. Rua 5 de Outubro                               |  |